

O INTÉRPRETE DE LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA E O ENSINO DURANTE A PANDEMIA

Lílian de Sousa Sena ¹

INTRODUÇÃO

O contexto pandêmico da Covid-19 imprimiu a urgência de buscar e estruturar novas estratégias pedagógicas para que as experiências educativas tivessem continuidade. Nesse sentido, o trabalho das intérpretes de Língua Brasileira de Sinais-LSB, mediado pelas tecnologias digitais, deixam-nos a lição de conhecer e habitar o mundo digital é necessário para sociedade atual.

As experiências advindas das trocas interpessoais, resultantes dos processos interativos, tanto no mundo presencial físico quanto no mundo virtual, deixam informações que são internalizadas e constroem o saber intrapessoal. Este saber é importante tanto nos aspectos cognitivos quanto sociais. Assim, é importante evidenciar que, no caso dos estudantes surdos, as interações sociais contribuem fortemente para o desenvolvimento cognitivo e para o fortalecimento das relações socioculturais que favorecem a inclusão.

Nesse sentido, percebe-se esta pesquisa justifica-se por se tratar de um estudo de caso com alunos surdos recém-chegados ao Ensino Médio que vêm com um histórico de escolarização integradora que impacta negativamente em seus progressos de aprendizagem e, além disso, tiveram aulas presenciais interrompidas e os processos interativos aconteceram somente com as intérpretes.

Tendo como objetivo principal conhecer as estratégias inclusivas adotadas por intérpretes de alunos surdos, em uma escola de Ensino Médio, na cidade de Timon-MA, evidencia-se a relevância da temática da pesquisa que é explicitar práticas desenvolvidas pelas intérpretes, buscando a inclusão dos alunos surdos, dado o contexto da pandemia e o afastamento dos demais colegas de classe.

Os resultados demonstram que, no contexto pandêmico, o trabalho do profissional intérprete de Língua de Sinais, deixou de ser visto apenas como um facilitador da comunicação

¹ Mestranda em Educação Inclusiva pela Universidade Estadual do Maranhão - UEMA, liliandisousa@hotmail.com;

e passou a ser percebido em sua essência, enquanto agente fundamental para a inclusão de pessoas surdas, tanto na escola quanto em outros espaços sociais, pois este foi o suporte emocional e motivacional para os jovens cerceados das interações com colegas, professores e iguais condições de aprendizagem.

CAMINHOS METODOLÓGICOS

Esta é uma pesquisa de abordagem qualitativa e o principal instrumento de coleta de dados utilizado foi a entrevista compreensiva e focalizada, realizada com duas intérpretes de Língua de Sinais Brasileira -LSB de estudantes surdos, matriculados no 1º ano do Ensino Médio de uma escola da rede estadual de ensino na cidade de Timon – Maranhão. As entrevistas aconteceram via plataforma digital de comunicação. para posteriores análises e interpretações.

Em consonância com Zago (2003, p. 296), sobre entrevista focalizada, entende-se que “o pesquisador se engaja formalmente; o objeto da investigação é a compreensão do social e, de acordo com este, o que interessa ao pesquisador é a riqueza do material que descobre”. Assim, este recurso para coleta de dados não segue estrutura rígida, ou seja, os questionamentos pré-definidos podem sofrer alterações no decorrer da entrevista para melhor orientar a investigação.

Nessa mesma direção, Gil (2008, p.112) afirma que, “o entrevistador permite ao entrevistado falar livremente sobre o assunto, mas quando este se desvia do tema original, esforça-se para sua retomada”. A entrevista focalizada contribuiu bastante para o desenvolvimento deste trabalho pois as participantes entrevistadas relataram suas percepções sobre suas experiências pedagógicas durante o período de março a agosto de 2020, por meio de plataforma digital, e perceberam que esta ferramenta também possibilita a inclusão de estudantes surdos.

Importa ressaltar que os aspectos éticos foram respeitados durante o processo investigativo e que os participantes concordaram mediante o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE.

O INTÉRPRETE E AS INTERAÇÕES PEDAGÓGICAS

A interação entre usuários da Língua de Sinais possibilita, além da aquisição da Libras, a oportunidade de reconhecimento e pertencimento a uma comunidade cultural em que

verdadeiramente ele está incluído. Entende-se, portanto, que a inclusão, neste sentido, acontece devido à identificação pela condição da surdez e pelo comum histórico de experiências educacionais integrativas e não inclusivas.

Entretanto, é válido ressaltar que as interações com não usuários da Língua de Sinais também são importantes pois, conforme afirma Vygotsky (2001, p.12) “o desenvolvimento dos alicerces psicológicos necessários para o ensino das matérias de base não precede esse ensino, mas desabrocha numa contínua interação com os contributos do ensino”.

Sendo assim, valida-se a importância das estratégias pedagógicas e do empenho da comunidade escolar, não somente dos intérpretes em interagir e dar visibilidade aos estudantes surdos. Desse modo, ressalta-se que os processos interativos são fundamentais para a internalização do conhecimento.

As tecnologias digitais são poderosas aliadas na aprendizagem e na interação entre as pessoas. As contribuições de Moran (2015) e Schlemmer et al (2020) sinalizam que a natureza e a propriedade do espaço e dos meios mudam, o que exige conhecimento das potencialidades e limites de cada tecnologia digital, dessa forma os docentes e os intérpretes de Língua de Sinais necessitam reconfigurar suas práticas pedagógicas e metodologias para promover a inclusão e o aprendizado significativo.

Os intérpretes, na visão de Quadros (2002), muitas vezes assumem o papel de professor. Entretanto, sua função é intermediar a relação entre o professor ouvinte e o aluno surdo. Cabe ao professor, claro que colaborativamente, desenvolver estratégias para melhorar a interação com o estudante surdo. Porém, na prática, e evidenciada no contexto em estudo, o profissional intérprete assumiu as funções suas e de outrém, com prometendo seu trabalho e as possibilidades de aprendizagem dos jovens surdos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Centro de Ensino Anna Bernardes, *locus* da pesquisa, desenvolveu um trabalho diferenciado com os estudantes surdos e suas intérpretes, no período de ensino remoto emergencial. O corpo docente que compõe o Centro de Ensino não domina língua de sinais e, por conta desse fato, os processos interativos aconteceram somente entre intérpretes e alunos surdos, no período em se realizou o estudo.

Os conteúdos curriculares relativos à série frequentada não eram trabalhados a contento, pois os professores da turma não interagiram diretamente com os estudantes. A metodologia

utilizada pelos docentes era o envio de atividades impressas. Assim, cabia às intérpretes explicar a proposta da atividade, mas a prioridade era o ensino de Libras.

O trabalho das intérpretes consistia em explicar as atividades enviadas pelos professores e ensinar Libras aos estudantes, visto que não eram fluentes. Semanalmente, as intérpretes dirigiam-se presencialmente à escola para ministrar aulas de Libras, demonstrando que o Ensino Fundamental que frequentaram foi pautado na integração e por isso deixou muitas lacunas linguísticas e de aprendizagem, conforme percebe-se nas falas seguintes:

Os meninos surdos não são fluentes em Libras e nem sabem o Português, então o processo de ensino e aprendizagem ficou muito comprometido. (Intérprete A).

Na realidade o problema maior foi a base, que os professores não tinham uma dedicação para ensinar o português, então eles vieram com uma carência bastante até de responder perguntas simples. (Intérprete B)

A dificuldade de comunicação é o maior entrave para o entendimento dos conteúdos escolares. Assim, a realidade destes estudantes vai ao encontro do que afirma Quadros (2003, p.87) que “os alunos surdos são constantemente expostos ao fracasso tendo como causa a sua própria condição (não ouvir) e não as condições reproduzidas pelo sistema”. Assim, percebe-se o quanto os estudantes surdos são prejudicados por um sistema educacional que não evoluiu e não busca a inclusão, desenvolvendo práticas de quantificação que excluem e não ensinam.

É sabido que, na docência, diversos fatores externos influenciam na dinâmica de trabalho. Dado o contexto da pandemia da Covid-19 e, por conta disto, o afastamento dos demais colegas, a não-interação com os professores e as dificuldades de acesso à internet e fragilidades socioeconômicas apresentadas pelos estudantes surdos, percebe-se que as intérpretes sobrepuseram seu lado empático ao profissional, conforme observa-se:

É muito bom estar com os alunos e ver como estão se desenvolvendo. É gratificante saber que estamos contribuindo de forma positiva. (Intérprete A)

Eu gostaria de ter mais dias presenciais com os alunos para ter esse contato maior. Os alunos precisavam de um ensino mais profundo na língua portuguesa e em alguns casos na Libras, então pela necessidade deles resolvermos fazer uma aula presencial. (Intérprete B).

A partir da análise das observações das intérpretes, depreende-se que as relações construídas com alunos favoreceram a aprendizagem do ponto de vista que trouxe motivação e engajamento educacional por parte deles. Embora as ações inclusivas tenham contado apenas com as articulações desenvolvidas pelas intérpretes, os estudantes demonstraram um desempenho educacional significativo e um maior interesse em permanecer na escola, pois sentiram-se acolhidos e respeitados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O intérprete de Língua de Sinais está presente em vários setores sociais. No ambiente escolar, por meio das relações construídas, os aspectos humanos sobressaem-se aos aspectos técnicos profissionais. No contexto do ensino remoto emergencial, esta observação ficou mais evidente pois, embora temerosos, os profissionais realizaram aulas presenciais, seguindo os protocolos recomendados pelos órgãos de saúde, obviamente, mas ainda assim, arriscando-se em prol do ensino de seus estudantes surdos.

O trabalho desenvolvido pelas intérpretes demonstra o quão tênue é a linha entre o emocional e o profissional que se propõe a trabalhar de maneira inclusiva. O desejo das intérpretes de ter mais encontros presenciais, superando o medo da exposição ao coronavírus nos mostra que o lado humano sempre deve direcionar nossa prática enquanto professores.

Na era da educação digital, repensar os ambientes de aprendizagem, os processos interativos, as práticas escolares e a inclusão é algo urgente. Importa também compreender que a educação mediada pelas tecnologias digitais fará parte do novo cenário da educação. Os intérpretes e todos os outros profissionais da educação necessitam de competências para apropriar-se desses ambientes. Estudos futuros sobre a temática são necessários pois a inclusão de estudantes surdos e o papel do intérprete, revelam uma face da sociedade que invisibiliza um e sobrecarrega outro.

Palavras-chave: Ensino, Intérpretes, Língua de Sinais, Pandemia, Surdos.

REFERÊNCIAS

GIL, Carlos Antonio. **Métodos e técnicas em pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.

MORAN, José. Mudando a educação com metodologias ativas. **Coleção Mídias Contemporâneas**. Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania: aproximações jovens. Vol. II, Carlos Alberto de Souza e Ofelia Elisa Torres Morales (orgs.). PG: Foca Foto-PROEX/UEPG, 2015.

QUADROS, Ronice Muller. **O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa / Secretaria de Educação Especial**; Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos - Brasília : MEC ; SEESP, 2002.

QUADROS, Ronice Muller. Situando as diferenças implicadas na educação de surdos: inclusão/exclusão. **Revista Ponto de Vista**, Florianópolis, n.05, p. 81-111, 2003.

SCHLEMMER, Eliane.; DI FELICE, Massimo.; SERRA, Ilka Márcia Ribeiro Souza Serra de. Educação OnLIFE: a dimensão ecológica das arquiteturas digitais de aprendizagem. **Educar em Revista**. Curitiba, v. 36, e76120, 2020.

VYGOTSKY, Lev Semenovic (1896-1934). **Pensamento e linguagem**. Edição Eletrônica: Ed. Ridendo Castigat Mores. 2001.

ZAGO, Nadir. A entrevista e seu processo de construção; reflexões com base na experiência prática de pesquisa. In: ZAGO, Nadir; CARVALHO, Marília Pinto de; VILELA, Rita Amélia (Orgs.). **Itinerários de pesquisa**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.